

INDÚSTRIA CRESCE NO BRASIL E NO RIO GRANDE DO SUL

Desempenho da indústria surpreendeu no país e, no estado, ficou abaixo do previsto

Após a estagnação registrada em 2023, a indústria brasileira iniciou o ano de 2024 com a perspectiva de voltar a crescer de forma bastante moderada. O desempenho acima do previsto da economia do país, porém, levou a um resultado melhor do que o esperado. De fato, no final do ano passado, era estimada uma expansão de 1,4% para a produção industrial brasileira nesse ano, mas o carregamento estatístico de setembro, último dado disponível, já sugere um avanço de 3,1%, número, que esperamos, seja definitivo para o ano de 2024 como um todo.

Como referido, contrariando as projeções de desaceleração, o desempenho da economia brasileira surpreendeu positivamente, impulsionada pelo aumento do consumo doméstico e pela recuperação cíclica dos investimentos, favorecidos pela política fiscal expansionista e pelos efeitos defasados da redução das taxas de juros, reduzindo o desemprego, aumentando a renda e melhorando as condições de crédito. A demanda externa também contribuiu: de janeiro a outubro de 2024, as exportações industriais brasileiras cresceram 6,4% ante o mesmo período de 2023.

Apesar do alívio no cenário econômico, o esperado encaminhamento da questão fiscal não se confirmou, mantendo a incerteza em níveis elevados, o que afetou a taxa de câmbio e a inflação e levou o Banco Central a reverter o ciclo de afrouxamento monetário em setembro. A Reforma Tributária, por sua vez, segue indefinida e também permaneceu como fonte de incerteza.

Já a produção industrial gaúcha, inserida na mesma conjuntura favorável, deve ter um desempenho menor que o esperado no ano passado por conta da calamidade climática. De fato, a previsão era de uma expansão de 2,3% para a produção industrial do RS em 2024, devido, em grande parte, à baixa base de comparação (havia caído 4,8% em 2023). Possivelmente, sem os problemas climáticos, essa taxa seria ainda maior, como ocorreu com a indústria nacional. Um exercício simples mostra que, se o nível de produção de maio de 2024 (enchentes) fosse igual ao de maio de 2023, a taxa acumulada no ano em setembro seria de 2,2% e o carregamento estatístico do mês para o restante do ano seria de 2,5%, bem próximo do estimado no final do ano passado.

O indicador, porém, mostrou uma ligeira queda de 0,2% nos primeiros nove meses do ano na comparação com o mesmo período do ano passado, enquanto a herança estatística de setembro para o restante do ano aponta para um pequeno avanço de 0,5% em 2024, taxa que, dada a expectativa de um incremento adicional no último trimestre, deve alcançar 1,3%.

Diante da dimensão sem precedentes da tragédia climática que atingiu o estado, a rápida recuperação das enchentes, em especial dos setores ligados à reconstrução do estado, o dinamismo econômico surpreendente do país e a base muito baixa do ano passado evitaram um resultado pior para indústria gaúcha.

Outro fator importante, também inesperado, que frustrou o desempenho da indústria gaúcha, foi a crise no segmento de máquinas e implementos agrícolas que sofreu, além das enchentes no estado, com o clima adverso (secas e incêndios florestais) no país, o que diminuiu a safra, e as quedas nos preços das *commodities* agrícolas e das exportações (-34,2% até outubro). A demanda externa pelos produtos industriais gaúchos também decepcionou, caindo 4,9% no acumulado do ano até outubro, fator que também explica o desempenho inferior em relação à indústria brasileira.

A análise dos demais indicadores de conjuntura do setor confirmaram o aquecimento do setor no Brasil e o desempenho inferior da indústria gaúcha. Entre outros resultados, chamou atenção, a perda de importância relativa da demanda interna entre os principais problemas enfrentados pelo setor e o comportamento atípico dos estoques, que evidenciaram, além do choque provocado pelas enchentes no RS, uma demanda acima da esperada pelas empresas. Como tende a ocorrer em períodos de maior dinamismo econômico, os dados também mostraram uma crescente preocupação da indústria com os entraves estruturais, em especial a alta carga tributária, a falta ou alto custo da mão de obra qualificada e as elevadas taxas de juros. Já a confiança empresarial continuou em patamares baixos em 2024, embora tenha registrado uma melhora em comparação ao ano anterior, comportamento compatível com um cenário que combina aceleração da atividade e elevados níveis de incertezas com relação à economia brasileira.

Para 2025, não há projeção de queda, mas o setor deve novamente mostrar um desempenho modesto. No mercado doméstico, os entraves estruturais combinados a uma política econômica – monetária e fiscal – contracionista devem levar a indústria a mais um ano de desempenho medíocre, enquanto o setor externo não deve dar contribuição relevante. O cenário considera também a permanência da incerteza em relação às questões fiscais do País. A base mais deprimida do RS deve gerar expansão maior que a brasileira e que a de 2024, esperando ainda uma retomada no segmento de máquinas e implementos agrícolas e que os problemas climáticos não se repitam.

Os carregamentos estatísticos de setembro de 2024 para o ano que vem são, respectivamente, de +1,6%, para a produção brasileira, e de +2,9% para a produção gaúcha (+1,0% e +2,7%, na mesma ordem, se considerado o terceiro trimestre). Isso significa que, mesmo se ficarem estagnadas (na média) de setembro 2024 até o final do ano que vem, crescerão 1,6% e 2,9% em relação a 2024 (1,0% e 2,7%, na mesma ordem, se o cálculo for feito com a média do terceiro trimestre).

Nesse sentido, é projetado um desempenho melhor da indústria gaúcha frente à brasileira, com crescimentos da produção de 3,2% e 1,5%, respectivamente. O Índice de Desempenho Industrial (IDI/RS) deve avançar 0,8% em 2024 e acelerar para 2,4% em 2025.

Desempenho surpreende no Brasil e no Rio Grande do Sul fica abaixo do previsto

A indústria nacional superou as expectativas em 2024, impulsionada pelo vigor da economia doméstica, contrariando as projeções de desaceleração. O crescimento do consumo e a retomada dos investimentos sustentaram um desempenho industrial superior ao previsto no país, enquanto a calamidade climática de maio frustrou as projeções ainda mais positivas para a indústria gaúcha.

De fato, esperava-se, no final de 2023, para este ano, uma expansão modesta da produção da indústria do Brasil de 1,4% e, de 2,3%, da gaúcha, que vinham de desempenhos distintos do ano anterior: estabilidade no País (+0,1%) e queda intensa no Estado (-4,8%). Portanto, a base de comparação no RS, bem menor que a brasileira, era a principal causa de sua projeção mais positiva para 2024.

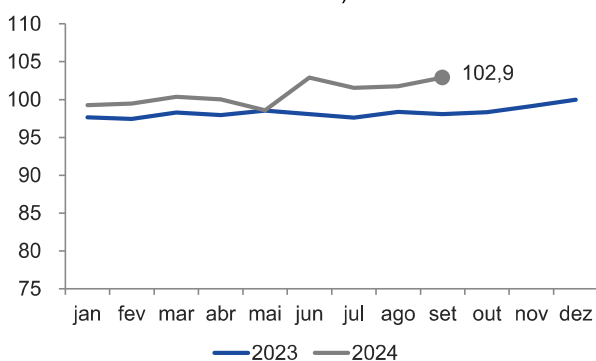
Vale destacar que a herança estatística (carregamento ou efeito estatístico) do final de 2023 foi positiva (+1,7%) para 2024, mostrando que se a produção industrial brasileira ficasse estagnada na margem, ao longo de todo o ano, – ou seja, mesmo sem crescer – mostraria um avanço de igual magnitude ante 2023. Olhando os dados na margem, a produção nacional (gráfico 3.1) mostrou algum dinamismo ao longo do ano, operando, com exceção de maio, em

níveis superiores ao do final de 2023, o que sugere um desempenho anual acima da herança recebida de 2023.

Já, com um carregamento estatístico de apenas 0,7% para o ano devido à desaceleração no final de 2023, a produção industrial do Rio Grande do Sul (gráfico 3.2) revelou muita volatilidade e nenhuma tendência definida ao longo de 2024, mas os níveis de produção foram, na maior parte do ano, superiores aos de 2023. Esse comportamento, a queda recorde de maio e a recuperação já no mês seguinte também apontam para um resultado além da herança recebida de 2023.

Gráfico 3.1. Produção Industrial – Brasil

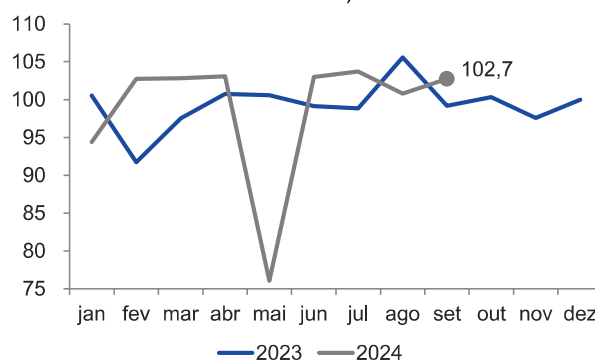
(Índice de base fixa mensal. Dez. 2023=100 | Com ajuste sazonal)



Fonte: IBGE/PIM-PF. Elaboração: UEE/FIERGS.

Gráfico 3.2. Produção Industrial – RS

(Índice de base fixa mensal. Dez. 2023=100 | Com ajuste sazonal)



Fonte: IBGE/PIM-PF. Elaboração: UEE/FIERGS.

Como referido, a evolução na margem e a herança estatística de 2023 repercutiram nas comparações interanuais, métrica de horizonte mais longo e o principal foco dessa análise, que mostrará o desempenho geral do setor industrial através de um conjunto de indicadores e de segmentos, com ênfase na produção industrial (IBGE).

A produção brasileira, com a trajetória ascendente na margem, registrou uma expansão de 3,1% no acumulado de janeiro a setembro de 2024 ante o mesmo período de 2023, sendo que a herança estatística do final de 2023 é responsável por 2,0 p.p. do resultado até setembro.

Já no Estado, a herança estatística de 2023 não foi suficiente para compensar o impacto da intensa queda da produção em maio, o que determinou uma leve redução de 0,2%, praticamente uma estabilidade no acumulado do ano até setembro, o pior resultado entre os 17 estados pesquisados e o único negativo.

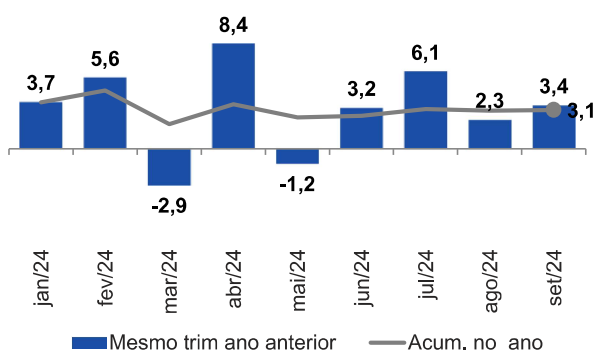
O menor desempenho da produção industrial gaúcha ante a nacional e a decepção ante o projetado no final de 2023 (+2,3%) são explicados pelas enchentes sem precedentes de maio, que derrubaram a produção em 26,5% (recorde histórico) na margem (ante abril com ajuste sazonal) e em 23,2% quando comparado a maio de 2023, taxa esta que só não foi pior do que as de maio (-27,1%) e de abril de 2020 (-36,1%) na métrica que compara os mesmos meses do ano atual e do ano anterior. Um exercício simples mostra que, se o nível de produção de maio de 2024 fosse igual ao de maio de 2023, a taxa acumulada no ano em setembro seria de +2,2% e o carregamento estatístico do mês para o restante do ano seria de +2,5%, resultado bem próximo do estimado no final do ano passado. Além disso, a seca no país diminuiu a safra 2023/24 o que, junto com a queda dos preços das *commodities* agrícolas, impactou fortemente o setor e a cadeia produtiva de máquinas e implementos agrícolas, um dos mais importantes na estrutura industrial gaúcha. A dimensão desse impacto pode ser aferida na grande discrepância dos resultados da produção de Máquinas e equipamentos no Brasil e no RS: +0,4% e -23,2% (influência de -2,1 p.p. no resultado agregado), respectivamente, no acumulado do ano até setembro. A demanda

externa, por fim, também ajuda a explicar a diferença de resultados da indústria nacional e gaúcha, crescendo 6,4% no primeiros caso, e caindo 4,9% no segundo.

Diante das proporções sem precedentes da tragédia climática que atingiu o estado, a rápida recuperação das enchentes, em especial nos setores ligados à reconstrução dos danos, o crescimento econômico surpreendente do país e a base muito baixa do ano passado – a produção tinha caído 4,8% em 2023 – evitou um resultado ainda pior para indústria gaúcha, que deve registrar um pequeno crescimento em 2024.

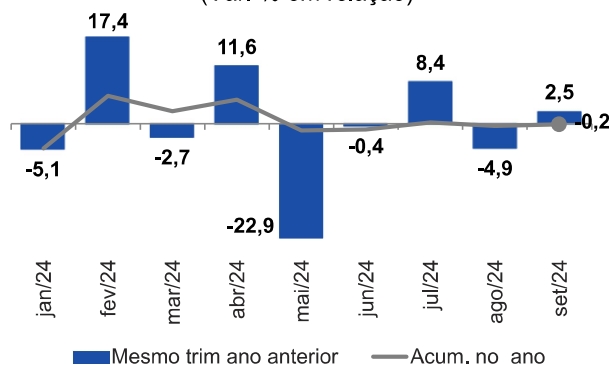
Os gráficos a seguir mostram as taxas interanuais (meses de 2024 ante os mesmos meses de 2023 e o acumulado do ano em cada mês) da produção industrial do RS e do Brasil.

Gráfico 3.3. Produção Industrial – Brasil
(Var. % em relação)



Fonte: IBGE/PIM-PF. Elaboração: UEE/FIERGS.

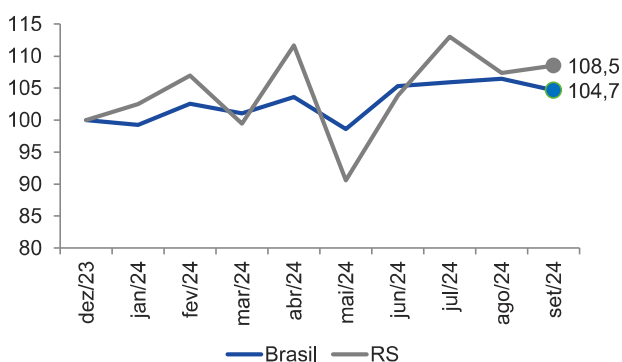
Gráfico 3.4. Produção Industrial – RS
(Var. % em relação)



Fonte: IBGE/PIM-PF. Elaboração: UEE/FIERGS.

Os demais indicadores conjunturais, que medem o desempenho do setor, pesquisados pela CNI/FIERGS (gráficos 3.5 e 3.6) mostraram resultados convergentes com o quadro descrito pela produção industrial em 2024, confirmando o desempenho superior da indústria nacional em relação a do RS na maioria dos indicadores.

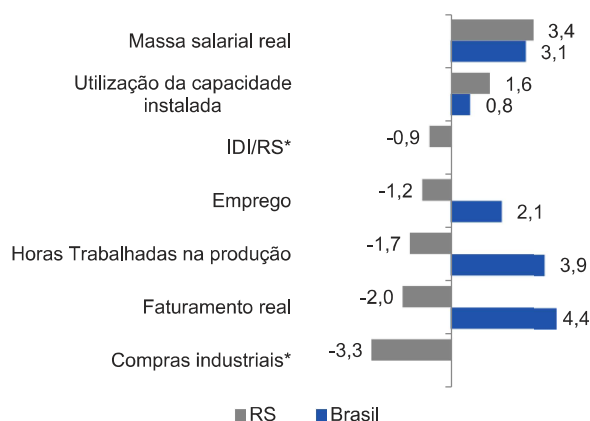
Gráfico 3.5. Faturamento real – Brasil e RS
Índice de base fixa mensal. Dez. 2023=100 | Com ajuste sazonal)



Fonte: CNI/FIERGS. Elaboração: UEE/FIERGS.

Gráfico 3.6. Indicadores Industriais – Brasil e RS

(Var. % acumulada no ano até setembro)



Fonte: CNI/FIERGS. Elaboração: UEE/FIERGS. * O IDI e as Compras Industriais são divulgados somente para o RS.

Resultados positivos disseminados no Brasil e queda na maioria dos setores no RS

O cenário conjuntural propício à atividade produtiva brasileira em 2024 também é evidente na decomposição dos resultados, onde predominam as taxas positivas. A produção cresceu nas quatro grandes categorias econômicas e em 20 dos 25 segmentos industriais pesquisados no acumulado dos nove meses do ano frente ao mesmo período de 2023.

A fabricação de bens de capital (+7,5%) registrou a alta mais expressiva no acumulado do ano até setembro, mas a produção de bens intermediários (+2,4%) forneceu a maior contribuição positiva (+1,44 p.p.) ao resultado global. A expansão na produção de bens de capital repercute a reação cíclica dos investimentos – a categoria havia caído 11,7% em 2023 –, enquanto bens intermediários refletem os efeitos na cadeia produtiva da expansão da atividade industrial em 2024. Cresceram ainda, a produção de bens de consumo (+4,0% e 1,29 p.p. ao resultado global), tanto de duráveis (+8,6%) quanto de semiduráveis e não duráveis (+3,3%), reflexo da melhora das condições de crédito (redução dos juros), do emprego e da renda.

Desagregando ainda mais os resultados, agora sob a ótica das atividades da indústria brasileira, revela um quadro de crescimento disseminado e homogêneo, sem um grande destaque em 2024. As maiores contribuições vieram da indústria de Veículos automotores e de Alimentos (+2,7%), com impactos relevantes também de Derivados do petróleo e biocombustíveis (+2,0%), da Extrativa (+1,7%), de Máquinas, aparelhos e materiais elétricos (+11,1%) e de Equipamentos de informática, eletrônicos e ópticos (+11,5%).

Por outro lado, ainda na comparação com janeiro a setembro do ano passado, também não há um grande impacto no agregado entre os cinco setores industriais que recuaram. A principal influência veio de Farmoquímicos e farmacêuticos (-4,5%) devido à menor produção de medicamentos.

A tabela 3.1 demonstra os resultados dos principais indicadores de conjuntura divulgados para os segmentos industriais brasileiros em 2024. Diferenças metodológicas e de cobertura dos indicadores da Confederação Nacional da Indústria (CNI) em relação à produção industrial (IBGE) implicam algumas discrepâncias setoriais, mas os resultados coincidem nas linhas gerais, mostrando a predominância de taxas positivas.

No Rio Grande do Sul, assim como no resultado agregado, o padrão de desempenho setorial foi bem menos favorável que o brasileiro: dos 14 segmentos pesquisados, a produção industrial cresceu em apenas 6, nos primeiros nove meses de 2024 relativamente ao mesmo período de 2023.

Há dois grandes destaques setoriais, um positivo e um negativo, pelas influências no resultado global: Derivados de petróleo e biocombustíveis (+21,8% e +2,82 p.p. no resultado) e Máquinas e equipamentos (-23,2% e -2,15 p.p.). O primeiro recupera-se da grande queda no ano passado (-13,4% até setembro de 2023) por conta de paradas previstas para manutenção. O segundo sofre com a conjuntura desfavorável para máquinas e implementos agrícolas, um dos mais importantes na estrutura produtiva gaúcha, como já referido. Além disso, a demanda externa desse segmento no estado caiu 34,2% no acumulado do ano até outubro, comparados com os mesmos dez meses de 2023. A Pesquisa Indicadores Industriais (FIERGS) revela que a atividade industrial de Máquinas e implementos agrícolas – a produção do sub-setor não é pesquisada pelo IBGE no RS – caiu 19,0% no RS de janeiro a setembro frente o mesmo período do ano passado.

Entre os demais setores pesquisados no estado, vale destacar ainda as quedas na produção de Alimentos (-3,7%), Bebidas (-12,3%) e Tabaco (-5,6%) e, pela contribuição positiva, Móveis (+12,0%), Metalurgia (+12,1%) e Couros e calçados (+3,8%).

Tabela 3.1. Indicadores de conjuntura – Indústria do Brasil – Setores

(Var. % acum. em 2024 até setembro)

	Faturamento real	Horas trabalhadas na produção	Utilização da capacidade instalada*	Emprego	Massa salarial real	Produção
Extrativa	-	-	-	-	-	1,7
Alimentos	14,3	9,7	-1,4	2,3	8,3	2,7
Bebidas	23,2	10,0	2,5	6,6	12,8	3,7
Tabaco	-	-	-	-	-	-1,4
Têxteis	12,8	-0,3	-2,5	0,3	8,2	3,6
Vestuário e acessórios	-0,8	1,9	1,8	-3,0	-0,9	1,7
Couros e calçados	3,8	0,2	-2,3	0,5	2,9	4,7
Produtos de Madeira	2,7	-5,3	5,3	-2,8	2,5	8,5
Celulose, papel e produtos de papel	-7,1	0,5	-0,7	0,1	9,6	3,0
Impressão e Reproduções de gravações	-15,6	-2,0	-4,0	12,1	-3,7	-4,5
Derivados de petróleo e biocombustíveis	11,0	-9,4	0,1	3,8	16,8	2,0
Químicos	-4,9	0,6	-0,5	8,2	-4,2	2,2
Farmoquímicos e farmacêuticos	-25,1	2,2	-2,3	-3,9	-2,7	-4,5
Borracha e de material plástico	22,3	7,3	1,8	5,3	2,4	5,4
Minerais não metálicos	13,7	3,3	6,7	3,7	5,1	3,1
Metalurgia	-0,2	-5,5	5,5	-3,3	2,8	1,1
Produtos de metal	11,9	5,8	1,9	4,3	5,8	4,2
Equip. inform. prod. eletrônicos e óticos	-	-	-	-	-	11,5
Máquinas, aparelhos e mat. elétricos	15,2	5,4	-2,5	5,4	6,0	11,1
Máquinas e equipamentos	-14,6	-2,7	2,4	-1,1	3,9	0,4
Veículos automotores	6,3	1,1	3,1	1,6	-15,1	10,0
Outros equipamentos de transporte	-9,8	13,0	-5,9	8,9	9,3	11,9
Móveis	6,9	2,7	1,4	0,1	0,0	9,9
Produtos diversos	8,6	0,5	-1,9	-1,7	0,9	-0,9
Manutenção, rep. e inst. de máq. e equipam.	-	-	-	-	-	-2,7
Indústria de transformação	4,4	3,9	0,8	2,1	3,1	3,3
Indústria geral	-	-	-	-	-	3,1

Fonte: IBGE. CNI. Elaboração: UEE/FIERGS. * Em pontos percentuais.

Os Indicadores Industriais do RS, produzidos pela FIERGS, mostraram, em linhas gerais, resultados setoriais pouco melhores do que o da produção no acumulado do ano encerrado em setembro. Apesar da queda de 0,9% do Índice de Desempenho Industrial (IDI/RS) houve crescimento na maioria dos setores: 9 de 16 pesquisados, sendo que o desempenho negativo de Máquinas e equipamentos (-13,4%) foi determinante para a redução do índice geral, impactado pela redução do segmento de máquinas e implementos agrícolas (-19,0%).

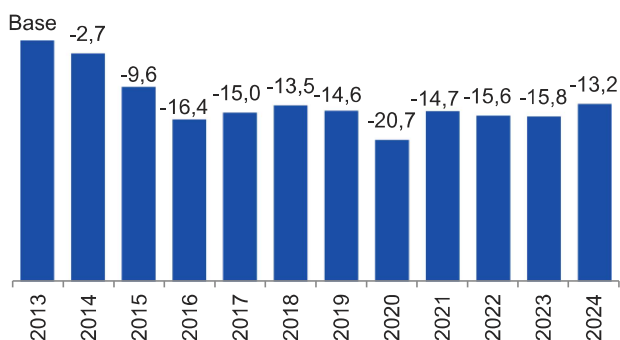
Oito anos após a maior crise da história e ainda muito distante da recuperação

Apesar dos resultados relativamente positivos em 2024, a indústria no País segue num processo de estagnação. Nos últimos onze anos, a produção da indústria nacional viveu seis recessões (2014-2015-2016-2019-2020-2022), uma estagnação (2023) e apenas quatro crescimentos (2017-2018-2021-2024). Na maior recessão já enfrentada pelo setor, no triênio 2014-2016, resultado da desastrosa experiência heterodoxa na economia do país, a queda foi de 16,4%. Passados oito anos, com o crescimento acumulado de somente 3,8% (média de 0,5% ao ano), a indústria brasileira segue bem menor do que era em 2013: -13,2%.

No Rio Grande do Sul, com cinco anos negativos no mesmo período, o cenário não é muito diferente. Após a queda de 18,7% entre 2014 e 2016, a produção industrial gaúcha expandiu 8,9% nos oito anos seguintes (média de 1,1% a.a.), ficando, em 2024, 11,5% abaixo de 2013.

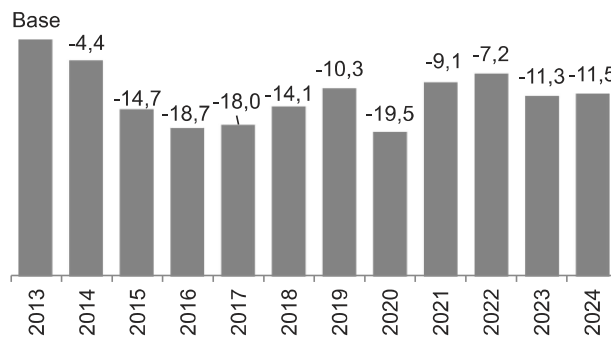
Os dados são mostrados nos gráficos a seguir, sendo que a base de comparação são os primeiros nove meses de cada ano.

Gráfico 3.7. Produção Industrial – Brasil
(Var. % em relação à base (2013))



Fonte: IBGE/PIM-PF. Elaboração: UEE/FIERGS.

Gráfico 3.8. Produção Industrial – RS
(Var. % em relação à base (2013))



Fonte: IBGE/PIM-PF. Elaboração: UEE/FIERGS.

Problemas conjunturais diminuem e cresce a relevância dos estruturais

Além dos indicadores quantitativos que medem a atividade industrial, a Sondagem Industrial⁴, realizada pela CNI/FIERGS, oferece um conjunto de dados qualitativos que enriquecem a análise e confirmam, do ponto de vista subjetivo dos empresários, o maior ritmo da indústria em 2024, destacando a diminuição dos entraves conjunturais. Ao mesmo tempo, os dados ressaltam a crescente relevância dos entraves estruturais. Apesar da crise climática, que atingiu o estado, a avaliação dos empresários brasileiros e gaúchos são similares.

O primeiro aspecto a se destacar foi o comportamento atípico dos estoques de produtos finais, que ficaram, a partir de maio, bem abaixo do desejado pelas empresas, mesmo diante do ritmo mais intenso da produção. Além dos impactos das enchentes, que atingiram parte das operações das indústrias, tal comportamento também indica aquecimento da demanda, pois estoques abaixo do planejado revelam demanda superior à esperada pelas empresas, parte disso decorrente dos esforços de reconstrução do estado.

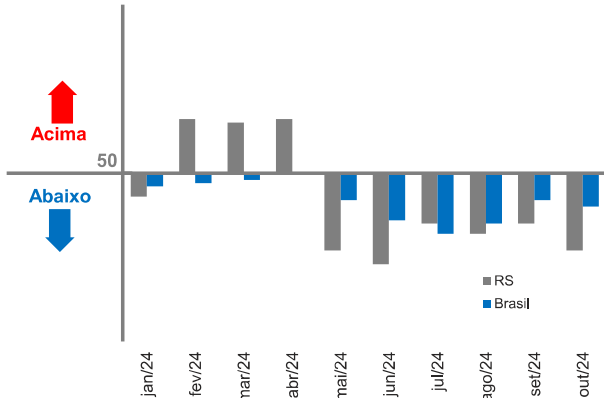
Outro sintoma do ganho de fôlego do setor em curso foi a perda de importância relativa da demanda interna entre os principais problemas enfrentados pelo setor. De fato, no último trimestre de 2023, a insuficiência da demanda interna era um dos maiores obstáculos para 32,0% e 39,4% dos industriais brasileiros e gaúchos, respectivamente. Mostrando clara tendência declinante desde então, a demanda interna insuficiente persiste como um dos maiores fatores que limitam os negócios, mas registrou queda na frequência de citações de 10,2 e 11,1 p.p. na mesma ordem, no terceiro trimestre de 2024.

Um obstáculo recorrente, estrutural, que tende a se agravar em períodos de atividade aquecida, é o da mão de obra. O problema da falta ou alto custo do trabalhador qualificado, que já vinha desde o final de 2020 mostrando uma tendência crescente por conta dos aumentos dos benefícios governamentais pós-pandemia, ganhou muita intensidade em 2024. No terceiro trimestre desse ano, a escassez ou o custo elevado do trabalhador qualificado foi um dos entraves mais importantes para 23,0% das empresas brasileiras e 27,0% das gaúchas. Foi o terceiro maior problema do setor no trimestre e os percentuais mais altos da série iniciada em 2015, tanto para a indústria nacional quanto para a regional. O custo e a qualidade do trabalhador são grandes entraves para o aumento da competitividade do setor há muito tempo, lembrando que a indústria

⁴ A Sondagem Industrial é uma pesquisa de opinião realizada mensalmente pela CNI/FIERGS com empresários do setor.

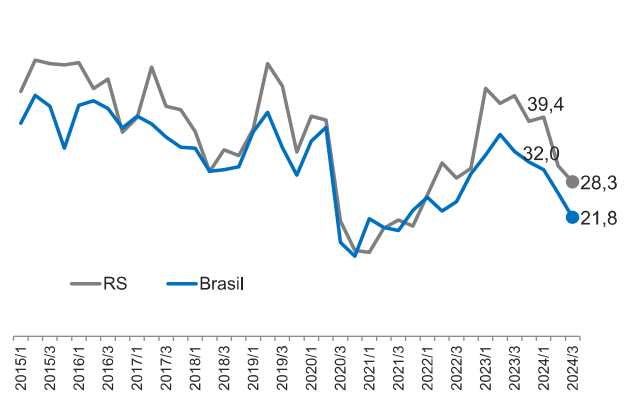
enfrentou o mesmo cenário nos anos 2011-2014, período que antecedeu a recessão de 2014-2016.

Gráfico 3.9. Índice de estoques em relação ao planejado
(Pontos)



Fonte: IBGE/PIM-PF. Elaboração: UEE/FIERGS.

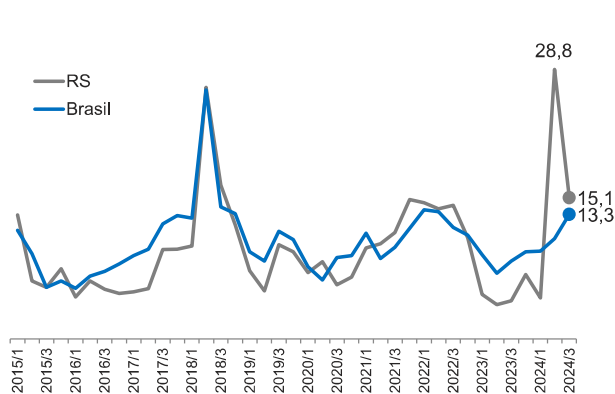
Gráfico 3.10. Principais problemas – Demanda interna insuficiente
(% de respondentes)



Fonte: IBGE/PIM-PF. Elaboração: UEE/FIERGS.

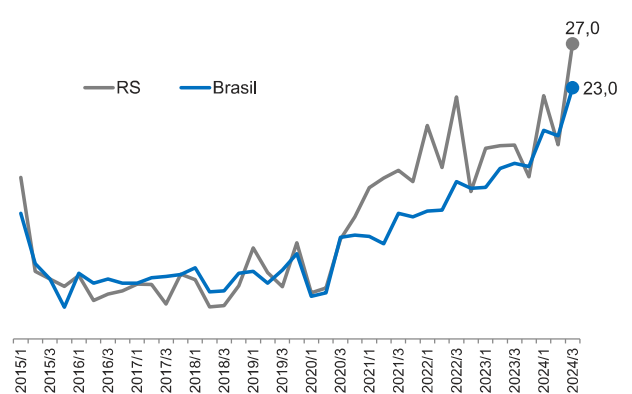
Vale ressaltar, a dimensão do problema da logística de transporte decorrente dos impactos das enchentes de maio no RS, quando atingiu patamares próximos do segundo trimestre de maio de 2018 (greve dos caminhoneiros). Já na indústria brasileira, percebe-se também uma trajetória crescente do problema nos últimos trimestres, o que também ocorre em períodos de aquecimento econômico.

Gráfico 3.11. Principais problemas - Logística de Transporte
(% de respondentes)



Fonte: FIERGS. Elaboração: UEE/FIERGS.

Gráfico 3.12. Principais problemas – Falta ou alto custo do trabalhador qualificado
(% de respondentes)



Fonte: FIERGS. Elaboração: UEE/FIERGS.

A elevada carga tributária, principal problema estrutural do País, tende a ser o maior limitador ao desempenho da indústria em períodos de intensificação econômica. Em 2024, não foi diferente e foi o obstáculo mais importante, recebendo 34,9% e 34,8% (média do ano) das citações dos empresários brasileiros e gaúchos, respectivamente. O item ganhou relevância ao longo do ano, à medida que o desempenho do setor ganhava tração, e atingiu a primeira posição no ranking dos problemas no segundo trimestre, pela primeira vez desde o final de 2022.

Com o retorno do ciclo de aperto monetário, as altas taxas de juros, outro problema de caráter estrutural do país, voltou a crescer no segundo e terceiro trimestres de 2024, e foi o quinto maior entrave para indústria brasileira e o quarto para a gaúcha, com 20,0% das assinalações.

Por fim, a falta ou o alto custo da matéria-prima, devido ao aumento da inflação e à desvalorização cambial, foi para os empresários brasileiros o terceiro obstáculo mais importante (22,5% das respostas) e quinto para os industriais gaúchos (17,6%). A Tabela 3.4 mostra os principais problemas enfrentados pela indústria em 2024.

Tabela 3.2. Principais problemas – Brasil e Rio Grande do Sul

(% médio de respostas em 2024)

	Brasil	Ranking	RS	Ranking
Elevada carga tributária	34,9	1	34,8	1
Demanda interna insuficiente	26,2	2	33,3	2
Falta ou alto custo de trabalhador qualificado	20,2	4	22,4	3
Taxas de juros elevadas	20,0	5	20,0	4
Falta ou alto custo da matéria-prima	22,5	3	17,6	5
Taxa de câmbio	13,1	8	16,8	6
Insegurança jurídica	12,3	9	16,1	7
Dificuldades na logística de transporte	11,1	11	16,1	8
Burocracia excessiva	13,9	7	14,7	9
Falta de capital de giro	10,9	12	13,4	10
Competição desleal	16,5	6	13,0	11
Demanda externa insuficiente	10,0	13	12,6	12
Competição com importados	11,5	10	11,6	13
Falta de financiamento de longo prazo	6,4	17	8,4	14
Inadimplência dos clientes	8,9	14	7,7	15
Outros	3,0	18	6,1	16
Nenhum	6,9	16	3,3	17
Falta ou alto custo de energia	8,3	15	2,8	18

Fonte: CNI/FIERGS. Elaboração: UEE/FIERGS.

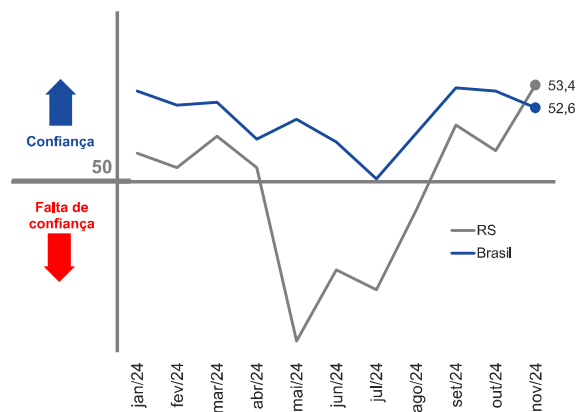
Por fim, a confiança empresarial, também divulgada pela CNI/FIERGS, é outro elemento subjetivo que retrata de modo geral os ciclos de aceleração e desaceleração da economia e do setor industrial. Com exceção do período entre maio e agosto, em parte por causa das enchentes no RS, o Índice de Confiança do Empresário Industrial (ICEI) superou a marca de 50,0 pontos e os patamares de 2023 durante o restante do ano, o que significa aumento da confiança. Em novembro, último dado disponível, o ICEI registrou 52,6 pontos no Brasil e 53,4 no RS.

Portanto, a confiança do setor repercutiu o maior dinamismo da atividade industrial em 2024, mas, apesar da evolução positiva, o nível de confiança foi bastante moderado – ICEI pouco acima de 50 – no ano, impactada pelo pessimismo dos empresários com a economia brasileira.

De fato, vale lembrar que o ICEI é composto por um conjunto de índices que avaliam as condições atuais e as expectativas sobre a economia brasileira e sobre a empresa. Com relação a eles, há uma característica marcante na confiança em 2024: é sustentada exclusivamente pelos índices relacionados à própria empresa, sobretudo pelas expectativas, que passaram o ano inteiro no campo otimista (acima de 50 pontos). As avaliações dos empresários em relação ao cenário econômico brasileiro, corrente e futuro, ficaram o ano todo no terreno negativo (abaixo de 50 pontos), refletindo a incerteza decorrente, principalmente das dificuldades do governo federal em realizar o ajuste fiscal, mas também do aumento dos juros e da inflação e da instabilidade cambial.

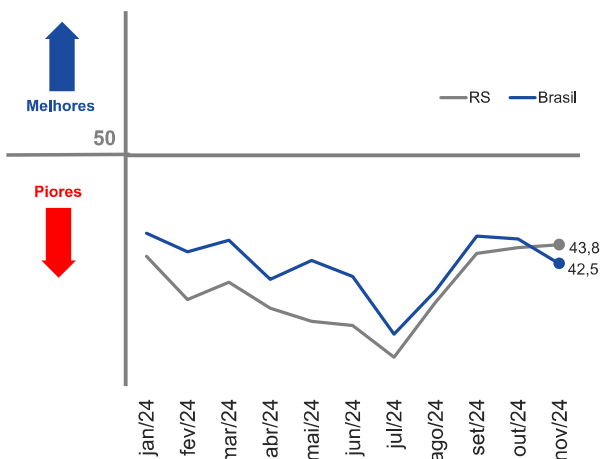
Com essa composição, o ICEI indica uma perspectiva positiva para o setor nos próximos meses, mas as expectativas dos empresários de um futuro sombrio para a economia brasileira são indícios relevantes que apontam para um ritmo bastante modesto da atividade industrial, em especial dos investimentos.

Gráfico 3.13. Índice de Confiança do Empresário Industrial – Brasil e RS
(Em pontos)



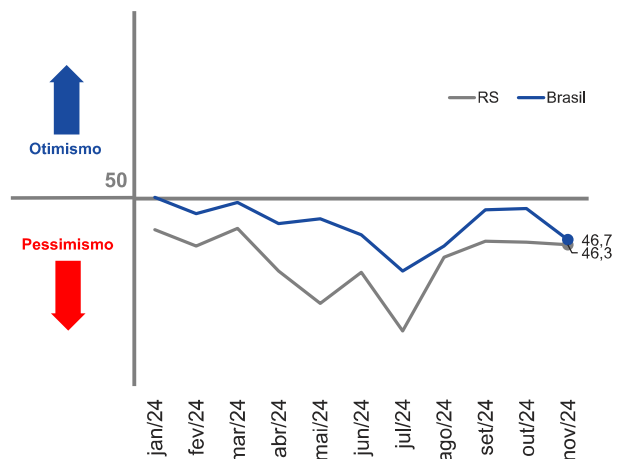
Fonte: CNI/FIERSG. Elaboração: UEE/FIERSG.

Gráfico 3.14. Índice de Condições Atuais da Economia Brasileira – Brasil e RS
(Em pontos)



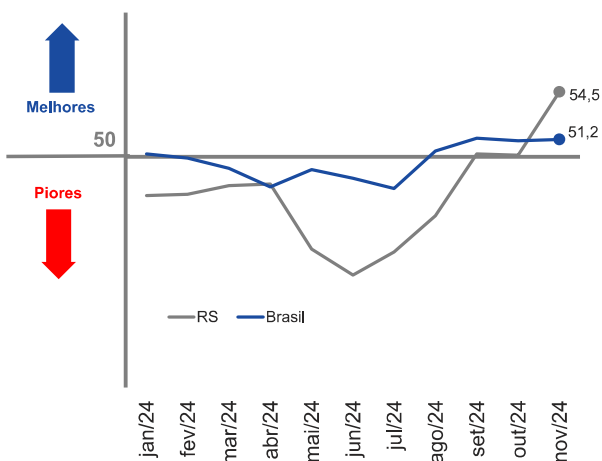
Fonte: CNI/FIERSG. Elaboração: UEE/FIERSG.

Gráfico 3.15. Índice de Expectativas para a Economia Brasileira – Brasil e RS
(Em pontos)



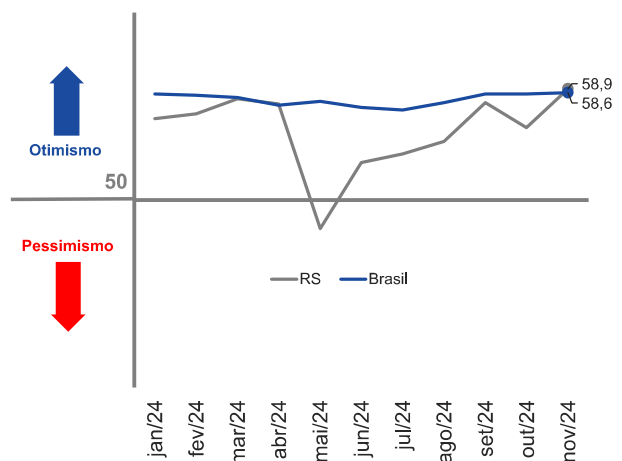
Fonte: CNI/FIERSG. Elaboração: UEE/FIERSG.

Gráfico 3.16. Índice de Condições Atuais da Empresa – Brasil e RS
(Em pontos)



Fonte: CNI/FIERSG. Elaboração: UEE/FIERSG.

Gráfico 3.17. Índice de Expectativas da empresa – Brasil e RS
(Em pontos)



Fonte: CNI/FIERSG. Elaboração: UEE/FIERSG.

Perspectivas para 2025 – Mais um ano de desempenho modesto

O crescimento acima do previsto da economia brasileira levou a um desempenho da produção industrial brasileira em 2024 melhor do que o esperado no final de 2023. De fato, todos os indicadores de conjuntura do setor mostraram esse comportamento. No caso da produção industrial brasileira, no final do ano passado, era estimada uma expansão de 1,4% para esse ano. Mas o carregamento estatístico de setembro, último dado disponível, já sugere um avanço de 3,1% para 2024 (+2,8% se considerado a média do terceiro trimestre), taxa, que esperamos, seja definitiva para o ano todo.

No caso da produção industrial gaúcha, o desempenho, por conta da calamidade climática, deve ser menor que o esperado. De fato, a previsão era de uma expansão de 2,3% da produção industrial, devido, em grande parte, à baixa base de comparação (havia caído 4,8% em 2023). Possivelmente sem os problemas climáticos essa taxa seria ainda maior, como ocorreu com a indústria nacional. Outro fator importante, inesperado, que frustrou o desempenho da indústria gaúcha, foi a crise no segmento de máquinas e implementos agrícolas que sofreu, além das enchentes no estado, com o clima adverso (secas e incêndios florestais) no país, o que diminuiu a safra, juntamente com as quedas nos preços das *commodities* agrícolas e nas exportações. A herança estatística de setembro do indicador de produção para o restante do ano aponta para um avanço de 0,5% (+0,4% se usada a média do terceiro trimestre). Dado que esperamos um incremento adicional no último trimestre do ano, a produção gaúcha deve expandir 1,3% em 2024.

Para 2025, o cenário econômico deve ser menos favorável para indústria. Não há projeção de queda, mas o setor deve novamente mostrar um desempenho modesto, na esteira da desaceleração da economia brasileira, que deve sofrer os impactos das políticas monetária e fiscal, espera-se, contracionistas. O setor externo, mais uma vez, não deve dar contribuição relevante.

Novamente, é projetado para a indústria gaúcha, no ano que vem, um desempenho superior à brasileira e à de 2024. A principal explicação segue sendo a base baixa de comparação. Os carregamentos estatísticos de setembro de 2024 são, respectivamente, de +1,6%, para a produção brasileira, e de +2,9% para a produção gaúcha (+1,0% e +2,7%, na mesma ordem, se considerado o terceiro trimestre). Isso significa que, mesmo se ficarem estagnadas (na média) de setembro 2024 até o final do ano que vem, crescerão 1,6% e 2,9% (1,0% e 2,7%, na mesma ordem, se o cálculo for feito com a média do terceiro trimestre).

Diante do exposto, nossa previsão para a produção industrial brasileira é um incremento de 1,6% em 2025. Já produção industrial do RS deve expandir 3,2%. O Índice de Desempenho Industrial (IDI/RS), indicador de atividade divulgado pela FIERGS, deve avançar 3,4%.

Tabela 3.3. Perspectivas para a produção industrial do Brasil

(Var. % acum. no ano)

	2023	2024*	2025*
Indústria extrativa	7,3	0,6	2,4
Indústria de transformação	-1,1	3,6	1,4
Indústria Total	0,1	3,1	1,6

Fonte: IBGE/PIM-PF. * Previsão UEE/FIERGS.

Tabela 3.4. Perspectivas para a indústria do RS

(Var. % acum. no ano)

	2023	2024*	2025*
Índice de Desempenho Industrial	-5,6	0,8	3,4
Produção Industrial	-4,8	1,3	3,2

Fonte: IBGE/PIM- PF. FIERGS/Indicadores Industriais do RS. * Previsão UEE/FIERGS.